

Obreiros da independência são monumentos vivos

N. 10/6/83

— Presidente Samora Machel aos veteranos da Luta de Libertação Nacional

Na sequência da apresentação da mensagem dos veteranos da Luta de Libertação Nacional, o Presidente Samora Machel relatou de improviso algumas das passagens da nossa história regadas de heroísmo. Com calor, Samora Machel falou das personagens principais dessa história, os veteranos, que descre-

Estão aqui, dentro desta sala, monumentos vivos, os obreiros da nossa independência. Estão aqui dentro os que constituem o orgulho do nosso Povo, os que materializaram o Heroísmo do nosso Povo, a determinação do nosso Povo, materializaram o ódio profundo contra a dominação estrangeira.

Estão aqui dentro, jovens que foram para as fileiras da Frente com-

Constituímos o grupo essencial treinado na Argélia. Este grupo formou o campo de Kongwa e preparou o desencadeamento da luta armada de libertação nacional. Não nos conhecíamos.

Encontrámo-nos pela primeira vez na Tanzânia. Éramos tribos, éramos grupos étnicos, éramos homens de regiões, éramos estrangeiros, éramos assimilados, instruídos académicos -

veu como monumentos vivos e obreiros da nossa independência. Transcrevemos aqui o improviso do Presidente Samora, depois de na edição de ontem termos publicado na íntegra a mensagem dos veteranos:

Nessa altura, éramos 150 no máximo, embora falemos de 250 porque os restantes foram preparados em Kongwa. Preparámos as condições para o início da guerra.

Estão aqui dentro os que dispararam os primeiros tiros em Cabo Delgado, Niassa, Zambézia e Tete.

Estão aqui dentro, os que construíram Nachingwea, os que construíram as Zonas Libertadas, os que de-

Em primeiro lugar os países Socialistas.

Nós lutávamos com o material enviado pela URSS e pela China, durante muitos anos.

Mais tarde, da República Democrática Alemã, da República da Romênia, da República Democrática Popular da Coreia, veio-nos também o armamento que era fundamental. Tivemos armamento e outros materiais que os países socialistas nos deram.

Está aqui a Tanzânia, a nossa base, a nossa retaguarda, que também nos apoiou. Mais tarde, para o alastramento da guerra em Tete, Mapica, Sofala e Zambézia, a Zâmbia. Falaram aqui de Chifombo. Chifombo é a fronteira entre a Zâmbia e Moçambique.

Assim conquistámos a Independência. Não devo dizer muitas coisas porque vocês são «monumentos» — (Aplausos).

Quando me nomearam responsável do Campo de treinos de Kongwa nomearam também Simão Tobias Lindolondolo. Treinámos juntos. Ele era meu adjunto no treino e na Argélia também o foi. Selecionámos alguns aqui, incluindo o Chipande.

Se eu pedisse que levantassem as mãos todos os que treinámos junto em Argélia... (Alguns levantam as mãos e todos os presentes na sala do 4.º Congresso saúdam calorosamente, com uma longa salva de palmas os construtores da Pátria).



Os monumentos vivos trouxeram ao Congresso a sua determinação

15, 18 anos. Alguns, abandonaram as famílias e outros jamais encontraram essas famílias.

Muitos aqui, encontrámo-nos em Março de 1963 em Dar-es-Salaam, como refugiados e vivíamos juntos em Mlala e Magumane, mais tarde, saímos juntos e fomos para a Argélia.

ao mesmo tempo analfabetos e ignorantes. Trazíamos unicamente a vontade da liberdade. A chama da liberdade era a única coisa que trazíamos. Estão aqui, os que treinámos juntos na Argélia, e sem falarmos francês, a Instrução era dada em francês. Recebemos por missão, quando regressámos, formar novas unidades,

ram importância à educação, à cultura, à produção e ao trabalho político.

Estão aqui dentro, homens e mulheres. É muito difícil falar sobre eles, mas quero dizer, oficialmente, neste Congresso, que a guerra em Moçambique começou com 4 Províncias.

Notícias, Maputo
10 de Junho de 1983